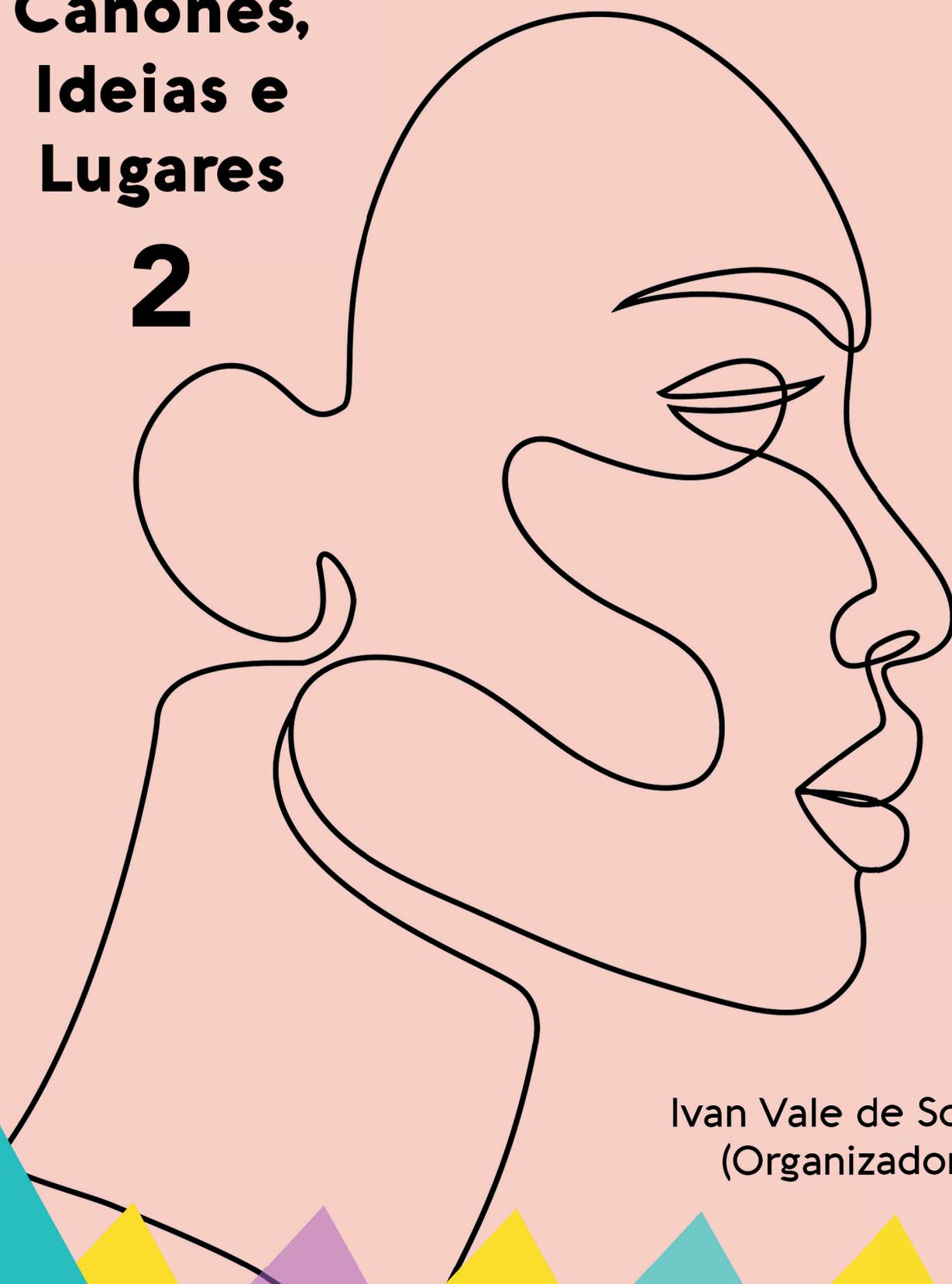


**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

2



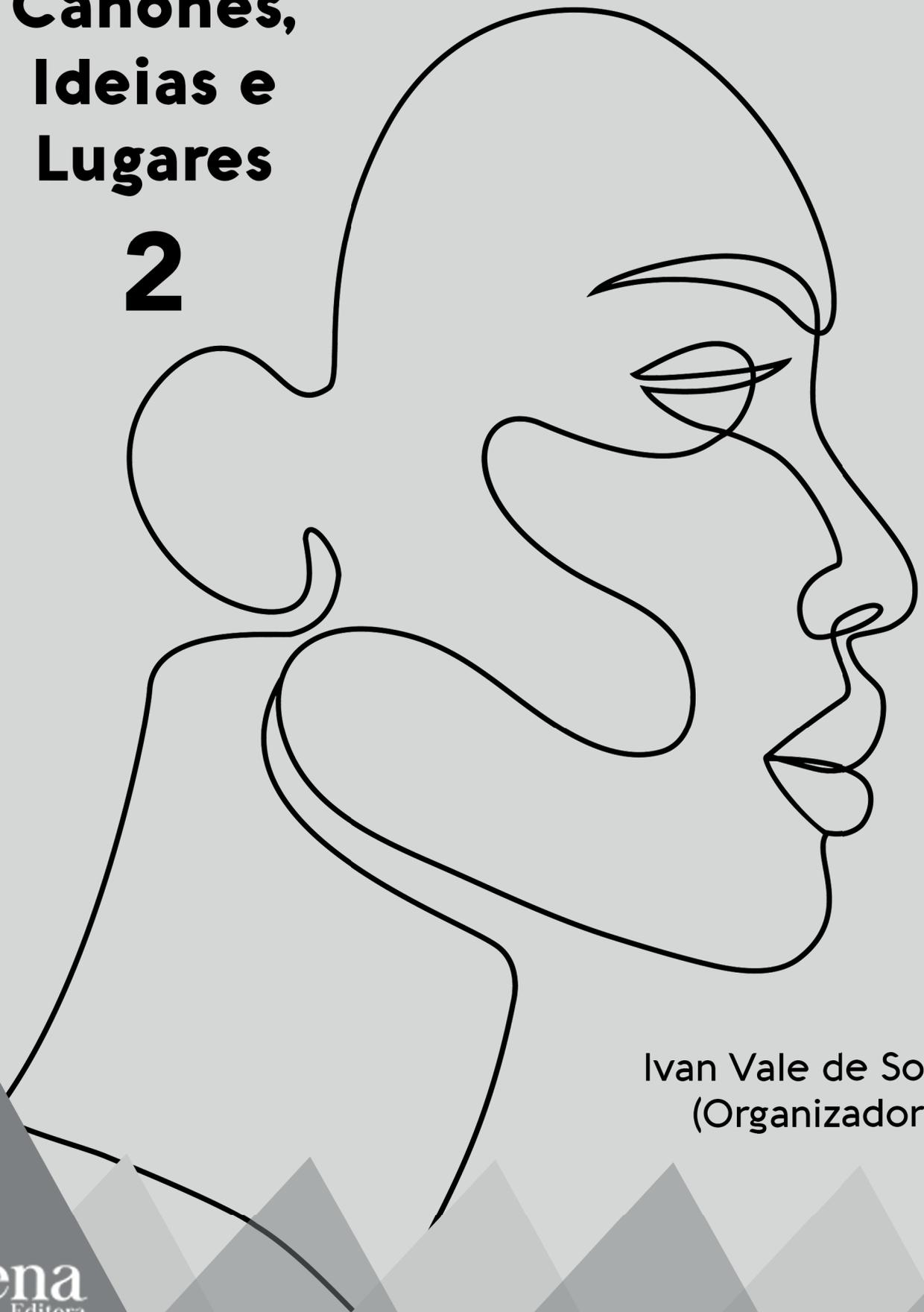
Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2020

**Linguística,
Letras e Artes:
Cânones,
Ideias e
Lugares**

2



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-117-6 DOI 10.22533/at.ed.176201906</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A produção da ciência passa pelos meandros da linguagem. Todos nós utilizamos a linguagem para interagir com nossos interlocutores e trabalhar com a linguagem é trabalhar também como focos estabelecidos e auxiliares do envolvimento dos sujeitos. Todos os sujeitos envolvidos na escritura desta coletânea se unem a outros tantos para que a formalização do conhecimento seja construída em uma cartografia de ideias e saberes.

Neste segundo volume deste e-book que surge em meio à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2), Covid-19, infecção que tem assolado e desestruturado, emocionalmente, muitas pessoas que não tiveram uma experiência considerável com este sombrio momento que estamos passando; assim, externamos os nossos sinceros sentimentos e acreditamos que dias melhores estão por vir, mas, depende do compromisso de todos para que saíamos logo desse pesadelo que insiste em permanecer.

Escrever em uma situação de pandemia significa um momento solitário em que as lembranças insistem em se firmarem nas situações adversas da calamidade vivenciada pelo país e o planeta. A Covid-19 nunca foi e nem será apenas uma gripezinha ou um simples resfriado como alguns discursos malfeitos insistem perpetuar. A Covid-19 é uma infecção grave, merecendo inúmeros cuidados e todos nós somos responsáveis pela amenização dessa situação. O momento agora é de isolamento social sim e as ciências da linguagem despontam como necessárias para se pensar nas oportunidades e nos acessos que as artes, a linguística, a literatura e a linguagem encaminham os sujeitos a protagonizarem a participação no discurso.

Nesta obra são vinte capítulos que sancionam a multiplicidade de conhecimentos dos mais diversos autores que autorizam seus interlocutores a desbravarem os caminhos questionadores e propositivos das reflexões apresentadas. Cada um dos autores demonstram um avanço na diversidade das discussões que tomam as ciências da linguagem como portas que se abrem para o novo, para o inusitado e para o questionável.

Fazer ciência no Brasil não é uma tarefa fácil e este momento não representa uma ação digladiadora das áreas do conhecimento. Sendo assim, fazer ciência no Brasil é, sobretudo, um pleno exercício democrático, resistente e transparente de colocar o conhecimento em destaque para o acesso de todos.

Em linhas gerais, este e-book simboliza um amplo convite para que os leitores possam investigar os conhecimentos que estão apresentados em cada forma de organização do discurso e da linguagem. Logo, resta-nos desejar que os saberes encontrem suas experiências de trabalho com a linguagem, enfatizando que sejam boas e novas as reflexões apresentadas. Assim, aos pesquisadores e estudiosos de plantão desejamos uma boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O GÊNERO AUTOBIOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE PARA O LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Edilson Barbosa Martins Joseval dos Reis Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.1762019061	
CAPÍTULO 2	14
LETRAMENTOS ACADÊMICOS NO ENSINO A DISTÂNCIA: O TCC DA ESCOLA DE GESTORES (FAE/UFMG)	
Ana Paula da Silva Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1762019062	
CAPÍTULO 3	32
O LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTO JUVENIL DE JOSÉ LINS DO RÊGO	
Adelmo Pereira dos Santos Hermano de França Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1762019063	
CAPÍTULO 4	41
OS ESTUDOS EM LETRAMENTO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS EM TORNO DA EDUCAÇÃO PRISIONAL	
Walkiria Felix Dias	
DOI 10.22533/at.ed.1762019064	
CAPÍTULO 5	51
AS EVIDÊNCIAS DAS CATEGORIAS ENUNCIATIVAS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.1762019065	
CAPÍTULO 6	62
PERCEPÇÕES SOBRE O PORTUGUÊS PAULISTANO: UM EXPERIMENTO <i>MATCHED-GUISE</i> COMBINANDO AS VARIÁVEIS (CN), (ẽ) E (-r)	
Isabel Pie	
DOI 10.22533/at.ed.1762019066	
CAPÍTULO 7	70
USO DO POEMA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A ARTE DE LANGSTON HUGHES COMO UMA POSSIBILIDADE DIDÁTICO PEDAGÓGICA	
Lucas Damasceno Alberto Damasceno	
DOI 10.22533/at.ed.1762019067	
CAPÍTULO 8	81
POEMANDO POR AÍ: METODOLOGIAS ATIVAS E LUDICIDADE NO ENSINO DE POESIA	
Elaine Christina Mota Melissa Velludo Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.1762019068	

CAPÍTULO 9	94
GÊNERO E ARTE: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE MULHERES PINTORAS NO SURREALISMO	
Isabela Iani Borges Oliveira Giovanna Aparecida Schittini dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1762019069	
CAPÍTULO 10	108
MUSICOTERAPIA E CRIANÇAS SURDAS COM IMPLANTE COCLEAR (IC): INVESTIGAÇÃO DA PERCEPÇÃO MUSICAL	
Roberto Augusto Corrêa Reinert Noemi Nascimento Ansay	
DOI 10.22533/at.ed.17620190610	
CAPÍTULO 11	119
REPRESENTAÇÕES DO CAOS NA MÚSICA DO SÉCULO XVIII	
Felipe Galhardi Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.17620190611	
CAPÍTULO 12	128
A ICONOGRAFIA MUSICAL NA OBRA <i>A REDENÇÃO DO AMAZONAS</i> , DE AURÉLIO DE FIGUEIREDO	
Luciane Viana Barros Páscoa Keyla Moraes da Silva Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.17620190612	
CAPÍTULO 13	143
<i>TRACES DE DANSEUSE</i> – OUTROS TEMPOS ALÉM DO INSTANTE DECISIVO NA FOTOGRAFIA DE DANÇA	
Daniela Remião de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.17620190613	
CAPÍTULO 14	155
O EXISTENCIALISMO NO ROMANCE <i>GRAÇA</i> , DE LUIZ VILELA	
Lucas Fernando Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.17620190614	
CAPÍTULO 15	165
JAMES JOYCE E DUBLINENSES: ENTRE O LOCALISMO E O COSMOPOLITISMO	
Alisson Kameya	
DOI 10.22533/at.ed.17620190615	
CAPÍTULO 16	175
NA TRILHA DA TRASH: QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE NO CINEMA E A MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA FANTÁSTICO	
Alice Fátima Martins Márcio Mário da Paixão Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.17620190616	

CAPÍTULO 17	185
O LABORATÓRIO IMAGINÁRIO: PRÁTICAS ESPECULATIVAS LOCALIZADAS	
Leonardo da Silva Souza	
Thawan Dias Santana	
DOI 10.22533/at.ed.17620190617	
CAPÍTULO 18	197
O MANIFESTO MARGINAL E AS SUAS MARGENS: UMA QUESTÃO DE REPRESENTATIVIDADE FEMININA	
Priscila Linhares Velloni	
DOI 10.22533/at.ed.17620190618	
CAPÍTULO 19	211
O TÚMULO DO GENERAL: HISTÓRIA E ARTE NO <i>BRITISH CEMETERY</i> DO RECIFE	
Davi Kiermes Tavares	
José Paulo Seifert Brahm	
Ronaldo Bernardino Colvero	
DOI 10.22533/at.ed.17620190619	
CAPÍTULO 20	225
RESGATANDO O ESPAÇO PÚBLICO: TEATRO DO OPRIMIDO & ESCOLA	
Antonio Carlos Figueiredo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.17620190620	
SOBRE O ORGANIZADOR	234
ÍNDICE REMISSIVO	235

O LABORATÓRIO IMAGINÁRIO: PRÁTICAS ESPECULATIVAS LOCALIZADAS

Data de aceite: 01/06/2020

Leonardo da Silva Souza

UFSB/CFA

Porto Seguro – BA

<http://lattes.cnpq.br/4639381115725298>

Thawan Dias Santana

UFSB/CFA

Porto Seguro – BA

<http://lattes.cnpq.br/6592611065097706>

THE LAB IMAGINARY: SPECULATIVE PRACTICES IN SITU

ABSTRACT: What is a media lab? For that matter—what is a library? What is an archive? What is an experiment? These questions spurred Jussi Parikka to begin an ongoing research project in collaboration with Lori Emerson and Darren Wershler, and have led them and their collaborators into wide-ranging territories. In this essay from the recently published book *across & beyond*, Parikka reports back from the lab and library—from MIT to Agboglobloshie, from the art exhibition to the startup incubator, to imagine the past and the future of the media lab.

KEYWORDS: Art and Technology; Media Lab; Hack Lab; Fab Lab; Design;

RESUMO: O presente texto apresenta uma tradução¹ do capítulo publicado por Jussi Parikka no livro *Across and Beyond* de 2017 cujo título original é *The Lab Imaginary: Speculative Practices in Situ*². A publicação surge do projeto de pesquisa *What Is a Media Lab*, que Jussi Parikka desenvolve em conjunto com Lori Emerson e Darren Wershler. Trata-se de um importante texto para as reflexões acerca dos laboratórios experimentais as mídias.

PALAVRAS-CHAVE: Arte e Tecnologia; Midia Lab; Hack Lab; Fab Lab; Design;

Se o imaginário não existisse alguém teria que inventá-lo. De várias formas nós já o fizemos, pois o imaginário, como o concebemos, funciona como um tipo de dispositivo de produção de realidade que é

1. Consideramos que, no contexto da versão em português do texto, o termo *In Situ* encontra melhor tradução na palavra localizada. Quanto a expressão original *Lab Imaginary*, consideramos que ela pode também se referir aos imaginários acerca dos laboratórios. Então, conforme o exercício de apresentação de tais imaginários pontuado neste texto, optamos por traduzir o título do texto pela expressão *O Laboratório Imaginário*.

2. Tradução realizada no âmbito do projeto Evento de Lançamento do Laboratório Multicênico – Centro de Formação em Artes da Universidade Federal do Sul da Bahia

irredutível a métodos psicológicos ou sociológicos de explicação. Em contraste a essas formas de explicação, o imaginário pode se tornar uma entidade muito mais interessante quando considerado como uma técnica com várias histórias e diferentes situações institucionais. Em outras palavras, o imaginário é ensaiado e praticado, bem como é institucionalizado, em vários lugares, desde bibliotecas até laboratórios. Essa ideia é propagada pelo argumento de Michel Foucault, com o qual ele afirma que:

O imaginário não é formado em oposição à realidade como se fosse sua negativa ou uma compensação. O imaginário nasce entre signos, de livro em livro, no intervalo entre repetições e comentários. Ele nasce e ganha forma entre os livros. É o fenômeno da biblioteca.³

Foucault, ao discutir Gustave Flaubert, relaciona o imaginário a uma técnica mediática específica: a da fabulação por meio de palavras escritas. Trata-se de uma serialidade de signos que ressoa em como Foucault delineia um projeto de arqueologias de conhecimento, as quais são entendidas como o estabelecimento de discurso sobre o que pode ser conhecido e percebido, ainda que não seja aceito como realidade. Na biblioteca, todo um mundo imaginário pode emergir. Durante um período, a leitura foi percebida com tamanho perigo para as mulheres, que a ambição do sonho bovarístico⁴ foi patologizada como uma doença mental. Que outros tipos de doenças (atribuídas ao gênero) emergem como parte dos imaginários ligados a uma biblioteca? Que outros tipos de experiências limítrofes emergem a partir de práticas midiáticas que ganham espaço nos limites daquilo que é aceito como parte da realidade⁵ e o que pode advir do imaginário? A lista pode ser longa, para além da leitura e escrita, ela inclui outros tipos de fabulação sobre o mundo: o que é real, o que não é real e vários espaços e tempos que podem também ser alcançados para além da interface planejada para o objeto livro e para o espaço da biblioteca⁶.

Geralmente, os imaginários estão deslocados. Eles são projetados pra mudar o espaço do possível. A biblioteca e o museu, de diversas formas distintas, situam espacialmente o imaginário, mas outras instituições têm feito o mesmo em relação a este deslocamento, que é espacial, formal e temporal. Tais deslocamentos correspondem à narrativa teórica que discute sobre o caráter emergente da mídia técnica:

Uma vez que memórias e sonhos, os fantasmas e os mortos, se tornam tecnicamente reproduzíveis, leitores e escritores não necessitam mais dos poderes de alucinação. Nosso reino dos mortos foi retirado dos livros nos quais eles residiram por tanto tempo.⁷

3. FOUCAULT, Michael. Afterword to the Temptation of St. Anthony. in: FAUBION, D. Aesthetics, Method and Epistemology. New York: New Press. 1998. p. 106.

4. O sonho bovarístico se refere a uma modalidade de comportamento comumente indicado pela expressão “sonhar acordado”, através da qual uma pessoa crê em si como protagonista de um romance, apesar das adversidades cotidianas.

5. Tratamos aqui o termo do original “*Actual*” como aquilo que é aceito como parte da realidade, apesar de guardar suas estranhezas.

6. Do original: “*times and spaces that can also be reached outside the design interfaces of the book and the library*”.

7. KITTLER, Friedrich. Gramophone, Film, Typewriter. trad. Geoffrey Winthrop-Young e Michael Wutz. Stanford: Stanford University Press. 1999. p. 10.

O estúdio é um outro tipo de espaço óbvio para o imaginário, mas, em relação à cultura midiática tecnológica, vou focar em um outro espaço que tem ganhado relevância na arte e no design nos últimos anos: o Laboratório. Demonstrarei como o Laboratório é um espaço que incorpora práticas que deslocam as coordenadas do que é possível. O *Lab*⁸ tem uma história cultural significativa, tanto como um espaço real, como também um espaço ficcional para pesquisa científica, e que tem se tornado muito mais do que anunciam as práticas atuais de experimentos e de produção de conhecimento. A mitologia do laboratório é, ela mesma, um tópico que escapa aos limites de qualquer “história real” do que os laboratórios são. Acrescente a isso o fato de que, nos últimos anos, uma crescente quantidade de instituições de Mídia e Humanidades tem delineado a ela mesma como “Labs”, laboratórios especializados em design, criatividade e, até mesmo, especializados em uma diversidade de trabalhos do imaginário ou, pelo menos, especializados em uma diversidade de arqueologias midiáticas de engenharias reversas de tecnologias e narrativas culturais sobre a tecnologia. *Bureau D’estudes*⁹ indica a existência de um planeta laboratorial, o qual se refere a laboratorialização do conhecimento, além de designar o complexo que envolve um circuito universitário, de entretenimento, bélico e científico originados nos séculos XX e XXI como a definição da situação planetária que instala infraestruturas de poder e tecnologia. Trata-se do mundo como laboratório, ou, pelo menos, essa é a forma como a retórica anunciada pelo *Bureau D’estudes* justifica as cidades inteligentes contemporâneas, instituições universitárias e *HackLabs*.¹⁰

Nesse contexto, levanto a seguinte pergunta: Fora dos laboratórios, como espaço de fabulação e projeção de sonhos e, ao mesmo tempo, esse lugar que incorpora a forma escrita do imaginário, como vamos nos engajar em práticas de especulação em Mídia e Design, assumindo sua característica enquanto espaços contemporâneos lúdicos para a imaginação, para a prática tecnológica e ativismo¹¹?

Uma questão como essa é muito ampla pra ser resolvida em um breve artigo na medida em que ela toca nas tensões assumidas entre causalidade¹², regularidade e resultados inesperados, experimentação e padronização, criatividade e rotina e diversos outros polos

8. Ao longo de todo o texto, o autor se refere ao laboratório pela abreviação Lab.

9. <http://laboratoryplanet.org/en/>

10. O Bureau D’Etudes pontua sobre o planeta enquanto laboratório: “Desde a segunda grande guerra, o planeta está sendo gradualmente transformado em uma escala de um único laboratório. O modelo antigo de fábrica mundial cedeu espaço ao modelo de laboratório mundial. Objetos oriundos deste laboratório, podemos nós também sermos sujeitos? Podemos exigir algo desta enorme máquina que se tornou autônoma e está se desenvolvendo de acordo com sua própria dinâmica? Podemos nós redirecionar os caminhos e os objetivos deste laboratório?” Citado do site do *Laboratory Planet*: <http://laboratoryplanet.org/en/>

11. Existem muitos exemplos relevantes, mas em termos de ativismo recente, onde a retórica do laboratório pode ser mobilizada tal como em uma rede feminista, o *Deep Lab* é um projeto que mapeia questões entre ativismo, arte, design, e cultura da Internet:<http://topicalcream.info/editorial/deep-lab-2/> (acessado em 20 de setembro de 2016). Este também é um bom exemplo sobre como a noção de laboratório não está necessariamente contida por arranjos arquitetônicos normais, e se torna uma rede de participantes trabalhando em uma escala geográfica mais ampla e com um conjunto mais amplo de questões sociais globais.

12. Assumimos aqui a tradução de *regularity outcome* como a causalidade intrínseca a resultados regulares em experimentos científicos.

opostos que formam os meios pelos quais as atividades artísticas e científicas são vistas como distintas. Ainda assim, tentando evitar esses estereótipos sobre conhecimento científico e práticas criativas, são necessários mapas críticos das práticas laboratoriais. Tais mapas críticos, genealogias e investigações são remanescentes das várias formas em que, no século XX, a laboratorização do experimento artístico e de design, bem como o interesse da prática pós-estúdio em espaços alternativos para a criação, têm oferecido formas de entender sobre como as instituições formais criam condições para o amplo campo da prática criativa.

A postura especulativa que se tornou parte da cena dos laboratórios de Design e Mídia tem comumente assumido um tom progressista orientado ao futuro (“Inventar o Futuro” é o termo utilizado pelo MIT Media LAB desde a década de 80), mas estou interessado em outro tipo de horizonte temporal: inventar o passado, assim como inventar escalas temporais alternativas, ou inventar novas perspectivas temporais. Portanto, o laboratório passa a ser percebido como um lugar de experimentação, que possui temporalidades alternativas, de onde emerge uma política intrínseca do tempo na cultura pós-digital.

II

O laboratório institucionalizou-se como um lugar-chave para a invenção. Como Alfred N. Whitehead pontua no começo do século XX, não são somente as tecnologias isoladas, como a engrenagem, que definem a natureza avançada da modernidade, mas sim o método:

A maior invenção do século XIX, foi a criação do método de invenção. Um novo método surgiu na vida. A fim de compreender a nossa época, nós podemos negligenciar todos os detalhes das mudanças, como os viadutos, os rádios, o telégrafo, as máquinas de engrenagens, os corantes sintéticos. Nós devemos nos concentrar no método mesmo, essa é a verdadeira novidade que rompeu com as fundações da civilização antiga.¹³

Whitehead muda o foco sobre a ciência, passando a considerá-la algo semelhante a uma mina, em que faz-se uma investigação geológica, peneirando ideias que lidam mais do que somente com afirmações científicas e proposições lógicas, diferenciando-a, assim, da perspectiva em que a ciência é uma contemplação puramente cognitiva de novas ideias. Ademais, “um período intenso de design imaginativo”¹⁴ é necessário para que ideias se transformem em produtos, *Whitehead continua, soando mais como um pensador de Design de Prototipação do que como um filósofo da Técnica Moderna*. Como parte da emergência das universidades de pesquisa e também de outros espaços de trabalho experimental, *esse método* acarreta na institucionalização de espaços específicos. Os laboratórios se tornaram padronizados como uma característica fundamental da ciência da Física e da Química, mas também da Engenharia: Os Laboratórios Menlo Park liderados

13. WHITEHEAD, Alfred North. *Science and the Modern World*. New York: New American Library. 1925. p. 91.

14. *Ibid.*, 92.

por Thomas Edison foram muito debatidos como um lugar que conjugava investimento e engenharia criativa, enquanto o laboratório de Nikola Tesla se tornou uma espécie de paralelo daquele espaço mítico do criador solitário (um homem) de invenções tecnológicas. O método de invenção foi também a criação de um lugar de invenção, um espaço de invenção que ressoa nos espaços paralelos ao estúdio (como aqueles de atividades de criatividade artística) e também ressoa nos seminários e as bibliotecas (como os espaços das atividades de humanidades), mas com um conjunto distinto de herança experimental que o método de invenção carrega consigo.

Thomas Edison foi uma figura sintomática. Ele gerenciou tanto seu lado de figura idealizada - o gênio solitário - , mas também se permitiu estar ao lado de um coletivo de especialistas em instalações que o auxiliavam desde 1876. Mesmo antes do Menlo Park, Thomas Edison esteve extremamente consciente do que ele necessitaria para criar sua versão do que mais tarde seria chamado de *Mídia Lab*. Ele buscou por todo tipo de aparato elétrico e qualquer quantidade de químicos para experimentação, entretanto, certamente não foi o *kit* que ele tinha em mãos, ou o conjunto de experimentos, que definiu o surgimento, no século XX, do laboratório tecnológico, mas sim foram as novas formas de gestão dos espaços que definiram o surgimento de métodos que conjugaram ciência-engenharia-mídia em uma só realidade do século XX.

Bruno Latour tem escrito sobre o poder efetivo de um laboratório como um lugar de mudança de perspectiva. Essa mudança gradual no entendimento da ciência, como a prática situada em um espaço, em que o experimento é, ele mesmo, parte de uma variedade de considerações sociais, forma uma situação particular de tentativa e erro, contenção e distribuição. Como Latour delineia, o poder do laboratório reside nas suas possibilidades como um lugar de tentativa e erro, que reúne poderes especiais de lidar com a escala que vai desde a interface do Lab até o mundo externo.

Latour discute o papel do laboratório na fazenda de micróbio de Louis Pasteur no século XIX, e a suas massivas consequências sociais relacionadas às características locais, as quais dizem respeito sobre o controle das práticas de temporalidade e recursividade. De fato, a potência do laboratório reside em uma “construção especial de laboratórios de forma a reverter a escala do fenômeno, tornando os eventos passíveis de registro, e então, acelerando a frequência dos experimentos, possibilitando que muitos erros surjam e possam também ser registrados”¹⁵.

É claro que a discussão de Latour é específica para aquela prática científica particular na sua relevância para a saúde, a fazenda, os animais, mas indo até além, observando todo um conjunto de materiais e fatores narrativos que emergem. Mas, algumas de suas percepções facilitam pensar sobre uma variedade de outras práticas laboratoriais, desde os primeiros laboratórios de tecnologia e invenção até as versões mais recentes dos

15. LATOUR, Bruno. Give Me a Laboratory and I Will Raise the World. In: KNORR-CETINA, Karin. MULKAY, Michael. Science Observed: Perspectives on the Social Study of Science. London: Sage. 1983. p. 165.

laboratórios de Mídia e Design. De fato, como Latour elabora, esta auto-contenção do laboratório é somente relativa. Para ele “outra razão do porquê essa relação dentro/fora é irrelevante se dá pois, neste exemplo, o laboratório se posiciona precisamente para reproduzir, dentro de seus muros, um evento que parece estar ocorrendo fora, e somente fora,”¹⁶ o que enfatiza o laboratório como um deslocamento de escala de um conjunto de variáveis que são debatidas em outros níveis.

Os experimentos com materiais do século XIX e do início século XX já envolviam operações de reversão de escala, operações para trás e para frente. Não somente fatos foram descobertos ou produzidos, mas também toda uma variedade de produtos colaterais, incluindo, por exemplo, visões futurísticas que permearam o século XIX, bem como realidades parafisiológicas, as quais foram medidas em laboratório e atestadas com autoridade da assinatura dos especialistas. Um conjunto de novas coisas emergiu, se espalhou, e se tornou um extra, correlacionado ao produto da experimentação laboratorial.

É seguro dizer que a institucionalização dos laboratórios (desde os laboratórios da Bell, até os laboratórios de design de Silicon Valley, passando pelas várias formas das instituições laboratoriais ligados ao MIT, chegando até o cenário do *HackLabs* da década de 80 e 90) se tornou crucial para o entendimento da expressão *Inovação Midiática*. O financiamento massivo de investimentos de toda sorte de laboratórios, principalmente nos Estados Unidos, ganhou paralelo com a retórica hiperbólica dos ganhos produzidos pelos produtos criados pelos laboratórios. Mas eles também produziram práticas de impacto material no campo cultural. Como John Beck and Ryan Bishop argumentam, a onda dos laboratórios de Arte e Tecnologia da década de 1960 foi caracterizada por um otimismo orientado ao futuro: “a *Nova Fronteira*, um mundo do futuro que deixa para trás os traumas do passado recente (a recessão, a Segunda Guerra Mundial) e traz à tona um olho que não cessa de observar o horizonte à frente”. Como relembra Lori Emerson, no Media Lab do MIT isso já estava presente em seu mantra central “Inventando o Futuro”, o qual foi a continuação de um tipo específico de perspectiva humanística do futuro, a de uma instituição de elite:

Esse ramo particular de humanismo sempre foi ligado, atado à perspectiva de um futuro imaginário. É um tipo particular de humanismo inumano que começou no grupo *Arch Mach* e veio a florescer na ideia do Mídia Lab. É um tipo de humanismo que constantemente invoca um humano do futuro, imaginado, que não existe realmente, em parte porque integra uma noção de futuro cada vez mais ultrapassada e também porque esse humano imaginado para o futuro é sempre um homem, branco, privilegiado, altamente individualizado, descorporalizado, ocidental.¹⁷

Os imaginários são sempre levados em conta em uma teia de condições políticas e econômicas. Os discursos sobre a invenção do futuro como atividade laboratorial são expressões de interesses corporativos referindo-se a seus próprios mundos dos sonhos,

16. Ibid., 154.

17. EMERSON, Lori. *Selling the Future at the MIT Media Lab*. Berlin: transmediale. 2016. ver <http://whatisamedialab.com/2016/02/17/selling-the-future-at-the-mit-media-lab/>

impossíveis e extemporâneos. Portanto, como uma alternativa, quero recorrer um outro tipo de prática ligada ao espaço e ao imaginário, bem como outras arqueologias da mídia, como forma de oferecer, não só projetos críticos e engenharias reversas, mas como forma de impulsionar a mudança de perspectiva, o efeito escalar, do laboratório como a reinvenção do tempo, projetando um tipo diferente de futuro que se orienta também pelo passado. A invenção de uma tecnologia, seja ela nova ou existente, é sempre uma invenção de uma temporalidade particular.

III

Como prototipar o passado? Essa foi a pergunta que guiou o *Maker Lab* na área de Humanidades da Universidade de Victória. Liderado por Jentery Sayers, este laboratório está profundamente envolvido com o estilo de arqueologia da mídia que prevaleceu em várias publicações teóricas sobre mídia e em vários escritos alternativos sobre os laboratórios. Sayers e Tiffany Chan apresentam seus laboratórios como um lugar de metodologias de teoria midiática e de design:

Tecnologias que não existem mais ou que funcionam como se não fossem necessárias. As tecnologias que prototipamos são datadas entre 1850 e 1950, as quais nos dão um senso de história da mídia anterior à computação pessoal, mas posterior ao controle de responsivo e à mecânica relacionada a ele. Estes protótipos geralmente informam a tecnologia dos dias de hoje, dando a ela um senso de textura e de mudança com, por exemplo, vestíveis, computação nas nuvens e reconhecimento ótico de caracteres.¹⁸

Como um tipo de projeto de especulação reversa, que foca no passado, essa abordagem entra em sintonia com a ideia de Garnet Hertz, a qual versa sobre o passado como uma loja de invenções. E ainda, está claro que não se trata de uma mídia para o imaginário no sentido completamente fabulado, mesmo se explicitamente tratasse sobre “ausências no registro histórico”. A prática institucionalizada do laboratório continua o discurso do fabricante, na medida em que apresenta uma história baseada no experimento prático que seleciona tecnologias e técnicas de projetos já estabelecidos, ao mesmo tempo em que desenvolve outras novas tecnologias como os kits. Uma parte-chave dos projetos de metodologia dos laboratórios (ambos conceitual e relacionado a tecnologias de fabricação digital) são os “Kits para a História Cultural”, explicados por uma abordagem humanística para a pesquisa:

No lugar de manter a comunicação da pesquisa em humanidades somente no formato escrito, esses kits de códigos aberto encorajam a experimentação prática que com frequência resiste divertidamente ao instrumentalismo e também ao determinismo. Ao fazer isso, esses kits incitam seu público a considerar a dimensão histórica da particularidade material dos mecanismos, pontuando que eles estão embutidos na cultura, sem assumir que, no presente, nós podemos sempre experienciar o mundo tal

18. Darren Wershler, em entrevista com Jentery Sayers e Tiffany Chan cujo título da publicação foi “Prototyping the Past: The Maker Lab in the Humanities at the University of Victoria” Disponível em <http://whatisamedialab.com/2016/05/10/prototyping-the-past-the-maker-lab-in-the-humanities-atthe-university-of-victoria/>.

Este kit se torna, ambigualmente, um dispositivo conceitual e de suporte, mais do que um artefato. Ele está inserido em um tipo de versão acadêmica do FluxKit, remetendo aos projetos do grupo Fluxus. O Um Kit, o “Primeiro Kit de Tecnologia Vestível”, é uma caixa de joias de madeira, que contém protótipos de vestíveis com eletrônicos móveis. Nesse tipo de kit, a história da mídia se torna tátil. Outra maneira de colocar isto seria dizer que o artefato, ou o produto, é, em si, uma espécie de dispositivo para problematizar o que é entendido como: passado “real”; e os possíveis imaginários em torno uma determinada tecnologia ou situação histórica. Neste caso, surge um tipo de disjunção temporal e ela trabalha para enriquecer o sentido de contemporâneo enquanto um conjunto de sobreposições de camadas temporais. Nesse contexto, o kit está embutido em um mundo rico de considerações sobre as relações sociais e imaginários que estão compreendidas entre os passados e os potenciais presentes, oferecendo uma disjunção de relações temporais, as quais não devem ser pensadas apenas no sentido direcional passado-presente-futuro. Eis a resistência lúdica do kit - um tema que ressoa com o que Geert Lovink tem chamado de “contra o grão”, que produz uma interessante ruptura com epistemologias do tempo da mídia, aceitas muito facilmente como certas²⁰. A potencialidade de lidar com o deslocamento espacial e temporal do laboratório torna-se uma ruptura, e a institucionalidade do laboratório se torna uma potência para uma forma diferente de “inventar o futuro”.

Uma versão interessante de um laboratório foi desenvolvida no Signal Lab da Universidade de Humboldt. Berlim, que sedia aquele Lab, é rica em outras mídias locais históricas, tais como o projeto Atlas of Media Thinking e Media Acting, uma cartografia da teoria e prática da mídia. Para um laboratório, a especificidade do local é parte similar do apelo do Fundus e do Signal Lab, mas com um tipo de abordagem de máquina do tempo. O Fundus está fortemente ancorado no trabalho teórico de Wolfgang Ernst e é, ele mesmo, uma espécie de mistura de coleção, depósito e laboratório, com um forte imperativo de mãos à obra. O espaço-irmão, o Signal Lab, é um projeto relacionado que impulsiona o ensino da mídia para além dos textos da teoria da mídia a fim de “ensinar eletrônica, programação e tópicos da informática/computador/ciências do ponto de vista da teoria da mídia”,²¹ como pontua Stefan Höltgen. Isso se relaciona com a primazia do Sinal, o Sinal como o objeto de análise, ou o que Ernst enfatiza como o aspecto operacional da mídia: a mídia é primariamente mídia somente quando em operação, mas, quando em operação, funciona como dispositivo crítico de tempo.

19. O “kit” tem forte relação com alguns métodos em Design Crítico, como cenários, *cultural probes*, *props*. BELOJEVIC, Nina. Kits for Cultural History. 2014. Disponível em: <http://maker.uvic.ca/kch/#sthash.zd1Z4n21.dpuf>. Ver também DUNNER, Anthony. TALES, Hertzian. Electronic Products, Aesthetic Experience, and Critical Design. Cambridge, MA: MIT Press, 2005.

20. LOVINK, Geert. My First Recession: Critical Internet Cultures in Transition. Rotterdam: NaiPublishers. 2004. p. 11.

21. Jussi Parikka realizou entrevista com Stefan Höltgen de onde coletou o trecho relacionado.

As várias coleções de objetos não são tratadas como coleções no sentido arquivístico, elas são feitas para serem tocadas, investigadas, e não estão organizadas em uma ordem arquivística, mas sim como experimentos de laboratório com uma qualidade histórica associada a elas. A lista de objetos-esquisitices seria longa. Desde o familiar²² até o menos obviamente relacionado à mídia, tais como os instrumentos técnicos do Fundus, incluindo ali os osciloscópios e muitos outros dispositivos de medição. Focados em dados e técnicas emergentes, fazendo uma engenharia reversa nas funções de hardware, estes espaços invertem nosso sentido comum de “Humanidades Digitais”. Os objetos associados a tais espaços são, então, aparelhos de laboratório que fabricam maneiras de pensar sobre o tempo: nem tanto histórias imaginárias, e sim, maneiras pelas quais técnicas específicas sustentam nossas noções de tempo.

Então, esses tipos de laboratórios se tornam estágios para a experimentação e observação do tempo e de sinais em uma perspectiva de tempo crítico. Apesar de serem tão abstratos como parecem, eles funcionam em termos bastantes concretos de análise. Ernst explica que “a essência da mídia técnica é evidente apenas na implementação de suas operações”²³, que deve ser compreendida através de noções de tempo, as quais devem ser complexificadas posteriormente em situações de análise: “É, portanto, apropriado empregar conceitos que nem sempre já tenham proximidade técnica entre figuras temporais e um significado transcendental, sendo também apropriado carregar estes conceitos com um imaginário chamado história”.

Em uma mudança curiosa sobre a presença das culturas de laboratório no passado²⁴, elas são agora chamadas de arqueologia da mídia ou outros laboratórios de mídia alternativa que se envolvem com Mídia Zumbi²⁵ ou projetos especulativos de culturas midiáticas passadas. Os objetos da novidade tecnológica do final do século XIX e início do século XX agora se tornam pontos de entrada para abordagens alternativas que, em parte, alimentam o charme e o exotismo da mídia antiga. Isso também se aplica ao filme. Laboratórios de filmes atuais, e outros coletivos artísticos de experimentação, são locais de compartilhamento de expertise técnica e de um senso de comunidade em torno do espírito de “o que ainda não morreu”²⁶. Isto aplica-se também aos laboratórios fortemente

22. Commodore 64 foi o principal artefato em um recente workshop/curso intensivo no Signal Laboratory.

23. ERNST, Wolfgang. *Chronopoetics: The Temporal Being and Operativity of Technological Media*. trad. Anthony Enns. Londres: Rowman & Littlefield, 2016, p. 205. Ver também ERNST, Wolfgang. *Sonic Time Machines*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2016.

24. Os quais eram os novos laboratórios de mídia há cerca de cem anos, incluindo Menlo Park e outros.

25. Um entendimento de mídia zumbi trata-a como “uma metodologia de arte que aborda o passado, mas que se expande em um conjunto mais amplo de questões relativas à mídia descartada (morta)” mas que “está preocupada não só com a mídia que está fora de uso, mas com aquela que ressurgue em novos usos, contextos e adaptações”. Ver: HERTZ, Garnet; PARIKKA, Jussi. Mídia zumbi: desvio de circuito da arqueologia da mídia para um método de arte. *Teccogs: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, TIDD I PUC-SP, São Paulo*, n. 14, p. 93-113, jul-dez. 2016. Disponível em https://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2016/edicao_14/teccogs14_artigo03.pdf

26. Bons exemplos incluem o LaborBerlin film lab com seus “*film ain’t dead*” bem como diversos outros da Europa, tais como Filmwerkplaats (Rotterdam, the Netherlands), Átomo 47 (Portugal), e o Filmkoop Wien (Austria). Ver DUQUE, Elena. *Celluloid and Self-Sufficiency: Artist-Run Labs*. CCCB Lab, Research and Innovation in the Cultural Sphere. Feb, 2016. Disponível em http://blogs.cccb.org/lab/en/article_cel%C2%B7luloide-i-autosuficiencia-laboratoris-autogestionats-per-artistes/.

técnicos remanescentes das raízes (foto) químicas das mídias técnicas modernas em suas práticas alternativas de laboratório. O Process Reversal Lab nos EUA é dedicado a ser uma iniciativa artística com fotoquímica que, por meio de um olhar focado em acervos culturais baseados em filmes antigos, abre uma agenda conceitual mais ampla sobre o que um laboratório tecno-químico pode ser no contexto do imaginário:

Em tempos de descontinuidade em estoques de filmes, de salas sem franquia e de laboratórios de filmes abandonados, a perspectiva de criação cinematográfica pode parecer intimidadora [...] bem como excitante, na medida em que a indústria cinematográfica entra em colapso ao nosso redor, estamos ficando com uma oportunidade única; uma chance de reinventar o meio de uma imagem que não fora nem intencional nem desejado por seus exploradores capitalistas; uma tal que explora novas formas de ver, novas formas de ouvir e novas formas de falar sobre filme.²⁷

Dado o modelo de cultura computacional massiva em escala planetária, seria tentador olhar para esses exemplos como uma prova de que a febre pelo laboratório se dá como se fosse um impulso nostálgico para ressuscitar o que foi perdido e tornado irrelevante: um anexo ao conhecimento e a um tipo retrô de cultura do Faça-Você-Mesmo, cercado de bastante coisa obsoleta. Mas, diria que também é um tipo muito mais interessante de prática, uma vez que lida com especulações do passado por meio do conhecimento técnico, criando intervenções na prática técnica de forma que tais intervenções não se reduzem apenas ao digital. Isso se torna parte da agenda do Lab, um tema que será abordado na próxima seção.

IV

Qualquer discurso interessado em futuros especulativos, passados alternativos, futuros pretéritos, passados que já foram futuros e outros tipos de contribuições ao imaginário também pode ser confrontado com questões sobre os espaços e situações nas quais os imaginários podem se dar. Ao desenvolver tais posições teóricas e metodológicas, podemos até falar de teoria ligada ao espaço/local que poderia ser entendida como uma versão do apelo de Peter Galison, o qual argumenta sobre uma teoria que se afaste de pressupostos universalistas e do empirismo *stricto sensu*. Como Rosi Braidotti sugere, esse tipo de especificidade pode reunir em um trabalho acadêmico a característica de ser aberto, responsável e compartilhável.

O laboratório, então, é uma maneira de considerar a natureza situada, ligada a um espaço/local, de um projeto institucional. Um aspecto particularmente interessante é sobre como, em alguns dos exemplos discutidos, o lugar ligado ao laboratório se torna tanto um espaço de projetos práticos, de mãos à obra, como também um espaço de engenharia reversa, no qual se descobre como as coisas funcionam, e onde se amplia a ideia do imaginário como fabulação indo em direção a outros tipos de metodologias

27. Ver o site do Process Reversal Lab : <http://processreversal.org/>.

críticas próximas à arqueologia da mídia. Esse tipo de ampliação é uma maneira de intervir e inventar novas formas de lidar com o tempo, que contribuem para a teoria da mídia e também para os debates sobre o pós-digital, sendo, então, uma maneira particular de abordar o tempo cultural da mídia. É importante perguntar sobre “a antropologia política de novas formas institucionais”²⁸, reconhecendo, ao mesmo tempo, que uma análise das situações institucionais podem ir além daquilo que já foi experimentado. Este breve projeto especulativo é também algo que pode ser ampliado de forma a considerar outros tempos que nascem em situações de laboratórios críticos em arqueologia da mídia e em projetos midiáticos²⁹. E isso também envolve o desenvolvimento de práticas críticas e tecnológicas que permitam a consideração dos modelos de tempo linear do passado-agora-futuro como insuficientes para entender o trabalho dos laboratórios.

Relevante no contexto deste texto, a política da temporalidade em discussões sobre o pós-digital tem sido pontuada por Geoff Cox. A noção do pós-digital é reconhecida como uma maneira de discutir a natureza assíncrona da cultura da mídia contemporânea, que força-nos a considerar marcadores temporais como inadequados, tais como “o novo” ou “o antigo”. Entretanto, Cox sinaliza que noções como pós-digital funcionam também como “conceitos de periodização” que podem, na verdade, atrapalhar alguns de seus potenciais críticos. Ele continua este raciocínio por meio de uma discussão sobre o contemporâneo como um conceito complementar que facilita o desenvolvimento de formas temporais suficientemente complexas, que tecem diálogos entre práticas e teorias na arte contemporânea e a cultura midiática.

Além do desenvolvimento de insights discursivos para o eixo da Arte Contemporânea e da Mídia, devemos também considerar em quais espaços este desenvolvimento acontece. Neste texto, o laboratório é sugerido como uma tal situação em que, embora tenhamos que reconhecer que a variedade de laboratórios torna impossível fazer qualquer generalização, aquela do tipo “inventar o futuro”, marca corporativa do MIT Media Lab, difere radicalmente dos laboratórios de pequena escala que poderiam ser chamados de Laboratórios de Humanidades com Vocação Regional³⁰ da nossa época. Estes últimos também se diferenciam dos ecossistemas Maker-lab/Hack-lab emergentes na África Ocidental, como exemplo, em Agbogbloshie, Gana, um dos centros de despejo de lixo eletrônico. A plataforma do Agbogbloshie Makerspace soa inicialmente como qualquer Fab-Lab, com seus objetivos de trabalho coletivo, senso de comunidade e orientados à prototipagem: “dar as mãos para prototipar ferramentas e cocriar uma plataforma híbrida, digital e física para reciclagem, fabricação, compartilhamento e comercialização”.

No entanto, a realidade material e de infraestrutura apresenta um ângulo diferente. O

28. NEILSON, Brett, ROSSITER, Ned. Towards a Political Anthropology of New Institutional Forms. *Ephemera* 6, no. 4. 2006. p. 393–410.

29. Segundo o autor, exemplo importante a ser considerado, trata-se da mídia técnica do tempo crítico, analisada no Signal Lab e no Fundus, a qual preza pelas micro-temporalidades que formam um nível diferente de manipulação do eixo do tempo e que leva a um tipo diferente de percepção humana.

30. O termo utilizado é *Locavore*.

laboratório está posicionado em uma realidade material de coisas usadas de segunda ordem, que surge por necessidade mais do que por mero interesse teórico. Em termos de cultura eletrônica, ele é também um contexto geopolítico diferente - outro aspecto que sublinha a necessidade de se pensar, como ponto de discussão crucial, em uma política do tempo/espaço na cultura pós-digital. Podemos considerar esse distanciamento geográfico, longe de narrativas habituais de locais de invenção dos EUA e da Europa, como um ângulo alternativo para a geopolítica em questão. A partir do deslocamento dos laboratórios de pesquisa e desenvolvimento, deixando a perspectiva de inventar o futuro para seguir pela perspectiva dos atuais laboratórios que tentam reinventar o passado como forma de se engajar com o presente, a questão dos laboratórios se torna uma forma de possibilitar imaginários da mídia como práticas localizadas.

REFERÊNCIA DA PUBLICAÇÃO DO ARTIGO ORIGINAL:

BISHOP, Rian. GANSING, Kristoffer. PARIKKA, Jussi. WILK, Elvia. Across & beyond – A transmediale Reader on Post-digital Practices, Concepts, and Institutions. Londres: Sternberg Press and transmediale ed. 2016. Disponível em: <https://transmediale.de/content/the-lab-imaginary-speculative-practices-in-situ>. Acesso em 07/07/2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolição 72, 128, 130, 131, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 141

Adultos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 50, 86, 110, 228, 233

Arte 34, 35, 70, 73, 74, 79, 94, 95, 97, 106, 107, 129, 140, 144, 146, 149, 154, 175, 180, 185, 187, 190, 195, 211, 212, 218, 219, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 234

Aurélio de Figueiredo 128, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141

Autobiografia 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 105

C

Cartier-Bresson 143, 144, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154

Categorias 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 88, 94, 132

Crianças 3, 33, 70, 71, 78, 87, 104, 108, 109, 110, 117, 140, 208

D

Dança 138, 143, 144, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Debreagem 51, 55, 56, 59

Discurso 15, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 122, 131, 140, 149, 155, 156, 163, 166, 167, 170, 172, 186, 191, 194, 200, 218

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 21, 22, 25, 26, 30, 31, 32, 34, 41, 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 70, 79, 94, 123, 159, 175, 181, 183, 184, 211, 213, 226, 227, 228, 232, 233, 234

Educação a Distância 14, 16, 234

Educação Prisional 41, 42, 43, 46, 48

Enunciação 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 77

Enunciado 42, 44, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Escrita 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 42, 46, 47, 54, 82, 88, 102, 178, 186, 187, 198, 200, 201, 208, 209, 229

Existencialismo 155, 156, 164

F

Fotografia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 153, 154, 218, 220, 222

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 15, 18, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 50, 67, 81, 94, 96, 97, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 129, 177, 178, 179, 181, 183, 186, 199, 201, 203, 204, 208

Guerra Civil Espanhola 70, 71, 72, 73, 74, 75, 79

I

Iconografia musical 128, 133

Implante 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117

J

Jovens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 21, 50, 64, 102, 176, 177, 182, 205, 228, 229, 232, 233

L

Langston Hughes 70, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 80

Leitura 1, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 27, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 46, 49, 50, 71, 72, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 92, 93, 111, 186, 199

Letramento 1, 2, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 29, 31, 32, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 81, 84, 87, 92

Letramento literário 32, 39, 40, 81, 84, 87, 92

Letramentos Acadêmicos 14, 17, 19, 20, 22, 23, 27

Literatura 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 49, 70, 71, 72, 75, 79, 81, 82, 83, 91, 92, 96, 102, 119, 129, 155, 156, 157, 159, 163, 166, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 213

Ludicidade 81, 84, 85, 86, 87, 89, 92

Luiz Vilela 155, 156, 163

M

Metodologia 25, 26, 36, 43, 81, 86, 87, 89, 113, 191, 219, 227, 228

Musicoterapia 108, 109, 110, 111, 112, 113, 117, 118

P

Percepção Musical 108, 110, 111, 114, 116, 117

Pintura 96, 98, 128, 130, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 144, 147, 149

Poema 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 120, 121, 207

Poesia 34, 70, 71, 73, 79, 80, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 92, 132, 137, 139

Políticas públicas 41, 42, 47, 48, 180

Português Paulistano 62, 63, 64, 65

Práticas 1, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 31, 32, 43, 46, 47, 49, 50, 103, 110, 182, 186, 187, 189, 190, 193, 194, 195, 231, 232

S

Sartre 155, 157, 160, 161, 162, 164

Sociolinguística 62, 64, 65, 66, 68

Surrealismo 94, 95, 103, 106

T

Tempo 1, 10, 11, 30, 34, 44, 51, 53, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 70, 75, 77, 79, 82, 85, 96, 100, 101, 102, 132, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 168, 169, 171, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 201, 211, 214, 219, 223, 226, 229

Trabalho de Conclusão de Curso 14

V

Variáveis sociolinguísticas 62, 63

 **Atena**
Editora

2 0 2 0